

# O PÃO

DA PADARIA ESPIRITUAL

AMOR E TRABALHO

Director—ANTONIO SALLES.

Gerente—SABINO BAPTISTA

ANNO II

Fortaleza, 1. de Agosto de 1895.

NUM. 21

## EXPEDIENTE

Assignaturas por um trimestre 28000  
Numero avulso. 500  
Pagamentos adiantados.

Por conveniencia de cobrança deixamos de aceitar assignaturas para o interior e Estados por menos de um semestre. O preço é porem o mesmo da capital.

O Pão publica-se duas vezes por mez.

Pedimos aos collegas da imprensa o obsequio de declararem a origem das peças que transcreverem desta folha.

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao nosso gerente, a rua do Major Facundo n. 1.—Ceará.

SUMARIO.— *Os quinze dias*, Moneyr Ju-  
rema: *O rei e o poeta*, Joaquim de A-  
ranjo: *A Nacionalista*, Rodolpho Theo-  
philo: *Uma desvencida*, Antonio Sal-  
les: *Pianista*, C. Brauna: *Tentadora*,  
Sabino Baptista: *Cão aberto*, Gil Na-  
varra: *Para alguma*, Lívio Barreto: *—  
Entre-silgio*, Fivolino Catavento: *—  
Aqui e acolá*, Ernesto Correa: *—  
Biblia*, M. J. Reculos, M.: *Palacia*,  
Espinha, Raymundo Correa: *Im-  
pressão Literaria*, *Carteira*.

## Os quinze dias

Em nome do Padre, do Filho e do Es-  
pirito Santo.

Bem vêem que começamos tractando do  
assumpto do dia, isto é, da Trindade.

E começamos declarando que o rapazão  
ca de casa é perfeitamente solitario com  
as manifestações de publica indignação  
contra o insolito procedimento de John  
Bull.

La estivemos no meeting, e si a nossa  
humilde voz não tivesse do alfo do pos-  
tal da estatua de Tiburzio, e porque em  
materia de eloquencia não somos menhu-  
Paula Ney para que digamos.

De penna é o que voce estão vendo, de  
luzga, porem não vai nada.

Quem canta não assobia, e cada qual  
enterra seu pai como pode.

E o que nos podemos fazer e verberar  
daqui a largaz pennas de tinta meliza  
a ingleza prepotencia.

A logica britannica é igual a desses su-

jeitos que consideram *na* qualquer coisa  
que encontrem longe da presença do dono.

Um navio inglez encontra em pino Atlan-  
tico uma ilha deshabitada, esteril, sem  
ferro nem signal, e, como precisa ter na-  
quellas alturas um posto telegraphico ou  
um deposito de carvão para as suas via-  
gens ao Rio da Prata, desembara gente e  
grita ao mundo civilizado: isto aqui *foi  
sendo-meu*.

Affirma Scipio Sighele que o banditismo  
profissional não está morto na Italia,  
como muita gente suppõe. Domenico Ti-  
burzio domina actualmente toda a zona  
comprehendida entre Civita-Vechia e Gius-  
setto, impondo tributos aos habitantes, que  
preferem dar os annos em vez dos dedos,  
e supprimindo os incautos que têm a in-  
felicidade de pender para as regiões onde  
dominam o seu lavinotte e a sua navidha.

Para John Bull, o Tiburzio dos mares, o  
mundo não é mais do que um despantão  
de Civita-Vechia.

Portugal ainda sangra do golpe das  
suas garras, e em todos os pontos do  
globo têm penetrado os tentáculos do  
polvo britannico a sugar seiva athena para  
o tonel das Danaides do seu cofre.

Londres é como uma aranha colossal  
a estender sua teia perfida pelo mundo in-  
teiro: triste de quem lhe cahe nas  
malhas! Deixa a bolsa ou a vida, quando  
não deixa as duas cousas juntas, que o-  
dizam Gibraltar, Indostão, Ceno, Cypro, Se-  
negambú, Catrarin, Zanzibar, Canada, Ter-  
ra-Nova, pequenas Antilhas, Austrália,  
Nova Zelandia e outra infinidade de terri-  
tórios onde tremula o pavilhão britannico, ad-  
vertindo ironicamente que *houve mal que  
mal q' pense*.

Ainda ha pouco, a pobre Nicaragua teve  
a honra de uma visita da esquadra ingleza,  
que, munda de *argumentos* de Krupp e  
Kempson, comitou a a paz ao governo  
de *Her Gracious Majesty* umas tantas li-  
bras sterlingas, de uma continha vadia, e,  
na falta de dinheiro, a veder-lhe um pe-  
mecho de terra para um certo ar-  
ranjo...

Não tive sem os Estados Unidos inter-  
vindo, e o sangue americano teia mais  
uma vez enrojado aquellas mesmas maos  
que prenderam Napoleão e queimaram  
Joanna d'Arc.

Prepotente e grosseira para os fracos, a  
Inglaterra é estrofantio de uma potên-  
covar e para os fortes.

Por muitas vezes o pulso ferreo do Bis-  
marek fez a covar se, na Africa, dispu-  
tando the territorios que ella considerava  
sua para todos os effeitos.

Mesmo em pino mar do Norte a Alle-

manha hasteou a sua aguia negra sobre  
He izoland, onde o leopardo britannico já  
havia cravado as garras minazes.

Nessas occasiões o Foreign Office é de  
uma cordura verdadeiramente evangelica,  
o delapidador se mascara de *gentleman*, e  
as suas notas são maravilhas de cortezia e  
de equidade.

Commosco, porem, John se revela tal  
qual é, e Mr. Philipps responde ao nosso  
digno ministro—em termos insolentes—  
ao que dizem os telegrammas.

Tal procedimento tem uma explicação  
logica:—a Girã Bretunha vomita sobre os  
pequenos as affrontas que lhe fazem en-  
goir os grandes.

*Pequeno* é um modo de dizer, que não o  
somos tanto quanto John suppõe. Já an-  
damos pelo nosso pé e já temos uma  
noção clara do direito das gentes e dos  
nossos foros de povo civilizado.

Cá, para estas bandas da America, não é  
a bocca dos canhões que pronuncia a ul-  
tima palavra sobre as questões inter-  
nacionais.

Não temos couraçados, mas temos hu-  
mens e leis.

O nosso primeiro magistrado não é  
nenhum sultão Bargash que se faça sub-  
stituir, mediante pensão, por qualquer  
engenere da famosa British East Afri-  
can Association com plenos poderes para  
lançar impostos, abrir estradas, nomear  
juizes, decretar tarifas etc.

A cousa por aqui flaseo mais fino, oh  
rubicund John.

Bem sabemos que de civilizado tens  
samente o monarca, a fútila e o cha-  
pre de cortiza; que no fundo do teu ser  
ainda conservas traços profundos da bar-  
barie da tua raça dominadora e brutal.

Mas saberemos compellir-te a salvar  
essas apparencias, denunciando-te ao  
mundo inteiro como um usurpador estu-  
pido e vulgar.

Pois, John, além da nossa importação o  
dos nossos empréstimos, queres também  
as nossas terras, e queres as assim como  
o saltador a bolsa de quem passa.

Não, John, o Atlantico não é uma es-  
tada tão deserta como o Oceano Indico,  
onde ninguém sabe o grão das vindas  
que fugaretoas.

O brado de indignação que se levanta  
em todo o Brazil ha de reverberar no  
mundo inteiro, e seras obrigado afinal a  
soltar a preza sobre a qual se abate a tua  
garrá fútila.

Para fazer face a tua divisa *my house  
is my castle*, nos temos piratas de Montreal  
a *America e los americanos*.

## O Rei e o poeta.

(THEMA DE JUSTINUS KÖERNER)

Duas sepulturas de um primor antigo:  
Ottmar e o Poeta nellas tem abrigo.

As suas estatuas, colossaes, marmoreas,  
Erguem-se ao Futuro demandando glorias.

Sua Magestade brilha triumphante,  
Com seu diadema e sua espada ovante.

Por seu lado, erecto sobre o pedestal  
O Poeta revê-se na lira immortal.

Traz o vento rude das leas montanhas  
Cúros marceises e musicas estranhas.

Fica impenetravel, nonhum grito o abarca,  
O montante nobre do real monarcha.

Mas se umã andorinha, ou se um aroma  
A tremer no fluido da mais pura graça.

Facto misterioso!—logo, sem demora,  
A lira do Poeta, commovida chora...

Lisbôa—1895.

JOAQUIM DE ARAUJO.

## A normalista

III

Maria do Carmo se recolhera ao quarto logo que chegou em casa, deapin-se e deitou-se.

O casamento da amiga lhe trazia á mente um cortejo de exquisitas phantasias, que acarinhava embevecida. A figura esbelta do Zuza em plena mocidade ao lado d'ella, a prometter-lhe um mundo de gosos, de delicias inefaveis, todo seu, em uma casinha branca, no campo, á beira de um lago, phantasiava sua imaginação de mulher apaixonada. Embebida na construcção d'esses castellos levou até depois de meia noite, quando vencida pelo somno adormeceu. A um canto do seu pobre quarto ardia n'um castiçal de folhas de Flandres uma vela de carnahuba já em meio.

Na sala do jantar, João da Matta ainda aturdido pelo alcool das bodas, resupina na rede, nã da cintura para cima, fedorento a sarro de cacimbo e a suor, empastava o ar com os gazes dos intestinos e as exalações de aldehyde. Aquelle homem gasto pelo alcoolismo e estragado pela nicotina teria extincta a virilidade aos cincoenta annos, de accordo com os preceitos da physiologia, se o autor da *Normalista*, afastando-se da opinião de Balmac, não lhe emprestasse um vigor que o vicio já tinha consumido. Outro que não fosse João da Matta, differente anatomica e physiologicamente dos outros homens, teria cahido na rede e farrado logo no somno. O alcool e a plenitude do estomago dariam esse resultado. Mas assim não foi. O amanuense devorou de concupiscencia asperava que

a noite se adiantasse mais para ir ao quarto da atilhada e por em pratica seus lubricos desejos.

Maria do Carmo, a julgar pelos pensamentos da vigilia, pelas scenas alegres que testemunhara, pelas sensações que em espirito experimentara ao lado do namorado, devia áquella hora gozar de um sonho venturoso, noiva ao lado de Zuza, na casinha branca do campo.

Isso escreveria um escriptor naturalista escudado nos preceitos da psychologia.

Mas qual não é o espanto do leitor quando pensa que Maria tem sonhos cõr de rosa e a vê despertar aterrada, suando frio perseguida pelo negro Romão, como se vê a pag. 191.

«N'isso adormeceu e logo tornou-lhe apparecer em sonho o negro Romão com as cateas arveçadas, um barril na cabeça, a gritar — Arre corno!...»

Que extranha concepção essa do Sr. Caminha

O negro Romão a soltar o seu grito predilecto, (grito que na opinião do autor da *Normalista* repercuta na Fortaleza como uma verdade e que tanto o impressiona a ponto de repeti-lo muitas vezes em seu livro), e depois de despejar quasi aos pés de Maria o barril de excremento, com a carapinha empoada de farinha do reino, monta-se em um cavallo magro e faz de palhaço de circo, seguido de garotos que gritam—E' sim senhô.

O Sr. Caminha conhece pouco a physiologia d'essa combinação involuntaria de imagens ou de idéas, chamada sonho e que se apresenta ao espirito durante o somno. No estado normal raramente se sonha nas primeiras horas do somno, e Maria do Carmo mal adormece, torna-lhe logo apparecer em sonho o negro Romão. Não se comprehende isto! A normalista volta do casamento da amiga, leva horas a fazer castellos como diz o autor ás paginas 191 a 191, e quando adormece torna-lhe apparecer o negro etc., como se ella já tivesse dormido e sonhado!

A parte essa embulhada e a impossibilidade da repetição de um facto que ainda não se deu, as observações do Sr. Caminha authorisam o leitor a ter em pequena conta os seus conhecimentos de physiologia. Vejamos.

O sonho antigamente considerado como um facto sobrenatural, um vehiculo de avisos celestes, de prognosticos, sabe-se hoje, é um producto da actividade cerebral, independente da impressão real dos órgãos dos sentidos e das idéas por elles suscitadas. O sonho pode ser extravagante, bizarro, porque o somno faz cessar toda acção e espontaneidade dos sentidos, e as idéas formadas são associadas ao acaso e com extranhas incoherencias! Todas as idéas, todas as imagens formadas no cerebro de Maria antes de adormecer não dariam nunca, qualquer que fosse a incoherencia de associação, um sonho como o que teve a normalista.

Nem se pode levar á conta do estomago esse sonho máo.

Sabe-se que ha uma relação intima entre o estado das visceras e essa

combinação de imagens, de idéas durante o somno. A normalista não havia ceiado, era vazio e sã o seu tubo digestivo, resupina na rede não constrangia em seu acubito os órgãos da respiração e circulação, e de onde partiu a impressão que a flagellava, pondo em jogo as partes do cerebro que criam a figura horripilante do negro Romão?

Sabe-se tambem que as impressões despertadas pelas visceras dão lugar a idéas variadas, mas muito vivas e penosas. Se Maria do Carmo tivesse ceiado bem e adormecido logo depois é provavel que tivessem curso em seu cerebro idéas desagradaveis, cujas impressões partiriam das visceras digestivas; toria ella sede ou fome, sentir-se-ia ferida, prestes a morrer, mas nunca as partes do seu cerebro em acção dariam á tela a figura do Romão de barril e carapinha empoada e depois palhaço de circo!

Maria do Carmo abre os olhos espantada: estava em seu proprio quarto, allumiado ainda áquella hora pela luz da vela, que bruxofôa dentro de uma poça de cera. Ainda bem não tinha se dissipado o medo que sentira do Romão, ouviu a porta do seu quarto gemer nas dobradiças. Estremeceu e esperou. Pareceu-lhe ouvir fallar. Não se enganara, uma voz dizia assim:

«Maria! repetiu a mesma voz, que ella julgou ouvir, uma voz fina, abafada, como se sabbisse das entranhas da terra.»

«E logo:»

«—Sou eu, Maria. E' o padrinho...»

«De feito, João da Matta, vinha chegando, pé ante pé, subtilmente, agarrando-se á parede, equilibrando-se na ponta dos pés, como um ladrão, sem o menor ruido, com estalinhos de juntas.»

«Maria encolheu-se toda debaixo do lençol, deitando. Tremia como um doente de sezões, embocada que nem caracol.»

«—Não grites, Maria, olha que sou eu, teu padrinho, tornou João da Matta agora quasi ao ouvido da atilhada, agarrando-se ao punho da rede.»

Chatissima vai essa pagina do livro do Sr. Caminha!

Segue-se um dialogo enoioso, pulha mesmo, das paginas 196 a 201 e que não transcrevo por immoralissimo.

Maria do Carmo, a intelligente normalista, a mulher nova e apaixonada pelo guapo Zuza, a responder em tom piégas ás primeiras palavras de seducção do fedorento amanuense! E nem ao menos o seu pudor de donzella, teve um momento de rebeldia, um instante de lucta, vendo entrar á deshoras um homem meio nú em seu quarto de dormir! Só as cadellas e na epocha do cio são capazes d'igual descaramento.

Maria do Carmo não comprehendeu logo a presença de João da Matta ali no seu quarto, áquella hora, diz o autor.

E' um caso extranho essa imbecillidade da normalista, quasi tocando ao idiotismo!

Ignora o que queria o padrinho fora de horas em seu quarto, ella que

theoricamente combecia o acto da procreação, e já tinha em espirito gozado de delicias carnosas quando ha o *Prigo Bazilio* e sabiu as intenções que João da Matta alimentava a respeito d'ella!

O amanuense, como diz o Sr. Caminha à pag. 199, não encontra resistencia a vencer. A afilluda extranha à primeira vista a presença d'elle em seu aposento aquella hora da noite, mas o padrinho diz que estava um frio na sala de jantar, e essa razão cala no espirito da normalista a ponto de achar natural a visita e até um certo conchego na osada carcassa de João da Matta!

Maria do Carmo, como uma palerma, beatificada, uma negação completa de suas qualidades psychicas, tão bem descrytidas, no meio de uma luta tremenda em que sua honra corre o mais serio risco, rapidamente fecha as palpebras pesadas de somno, respira com calma, e uma especie de inconsciencia muda, como hypnotizada, como se lê a pag. 200.

Nunca vi esboço mais infiel!

Se o autor da *Normalista* queria que sua heroina, na crise mais arriscada da vida, quando o pai adoptivo pediu-lhe a licença em troca de concessões que fazia aos amores d'ella com Zuzi, sentisse somno, bocejasse preguiçosamente, para que não cuidou logo na formação de tão extraordinario temperamento desde o começo da acção?! O bom escriptor naturalista é o que estuda o meio em que têm de agir os seus personagens com os seus temperamentos, aptidões, qualidades physicas, psychicas, atavias, hereditarias, mas tudo no terreno da verdade, resistindo a mais severa analyse scientifica.

Ao Sr. Caminha falta penetração, e fora do romancista. Elle não estuda os typos e os não descreve com uma visão nitida e verdadeira, uma intuição do intimo; não photographa, com aquella precisão de escriptor psychologico os personagens no movimento real da vida com seus verdadeiros tons.

Um escriptor que descrevesse uma caravana descansando à raiz de uma alta penedia e da qual um temporal desloca um enorme bloco do vertice, mas com tamanha felicidade que a pedra caindo em vez de descover uma vertical e esmagar toda caravana, desviou-se em uma curva e os vapores sorpresos com tão grande milagre encerram harmonias, seria um secretario do naturalismo ou do maravilhoso?

É o caso do Sr. Caminha.

Maria do Carmo a julgar pelo seu temperamento, educacao, intelligencia, estado de seu espirito todo absorvido na contemplação do homem seu primeiro amor, accedida os galanteios do peo de erecção sem ao menos um protesto de sua castidade, é o caso da pedra que, contra todas as leis da attracção, abandonada no espaço descreveu um queda uma curva e não uma vertical!

A parte a por vezes d'essa scena, descripta de um modo claro, em que o sentido da attracção centra abt sem

ração de ser scientifica, ha completa verdadeira um necão.

Como uma mulher acciada, cujo objecto se havia habituado a outros aromas, se excita com o hucismo que exala um velho, misturado ao fartum de burro de caximbo e suor, e casa trindade de fedores, cada qual mais nauseabundo, aguçalhe a tal ponto a sensualidade, que ella, como uma raposa vadia procura o seductor, que é seu pai de erecção!...

E o amor de Zuzi evocado aquella hora pelo amanuense, e o respeito ao padrinho que lhe faz as vezes de pai, o pudor, a castidade, tudo entim fora a terra, porque um dos sentidos e de todos talvez o mais pobre, o que menos impressiona a carne, sorveu algumas particulas de fedor, mas de um fedor que nausea, que embelada, valerianico, antispasmodico enfim!...

Sem lucha, sem resistencia, como uma nymphomaniaca, Maria se entrega ao seductor a aquella mesma noite, e quando pela madrugada a luz começou a estelar as vigas do telhado, ella despele o amante como uma messalina proveyta, como se lê na pag. 201.

A dor physica lembra a Maria a todos os instantes a sua falta, o seu erro, mas que ella procura justificar perante a consciencia pela piedade que teve do padrinho supplicando-lhe de mãos postas, em nome da Zuzi e por alma de sua mãe d'ella, um pouco de amor, não d'aquelle amor puro de filha, mas de mulher nova e bonita! É por demais ridícula a attenuante. Um cerebro que assim raciocinasse estaria desequilibrado e mais avisado teria andado o autor da *Normalista* se tivesse escolhido uma nymphomaniaca para heroina de seu romance.

Deixar-se deshonrar porque o seductor pediu com humildade em nome do noivo e da mãe!... Isso é o requinte da parvoce, tocando já as raras do idiotismo.

ROBOLINO TIGRETTI O.

## Jentadora

Teu brando olhar languente, enternecido, ainda me tenta, ainda me fascina, flor adorada, moça e peregrina, que o coração me trazes incendiado.

Qual de um vuleão a magia e ferina chamma que esparze, accende-me um prurido na alma, que eu, forte, me senti vencido, — preso e submisso à luz que me fulmina!

Es tão graciosa, eterna, e seductora que se te visse outr ora a peccadora por quem o proprio Christo apaixonou, certo em ciúmes arderia e louca te invejaria a rubra flor da bovea e o doce brilho desse olhar tão doce!

(Do livro VAGAS)

Carta 1895

SARINO BAPTISTA

## PIANISTA

Minha casa, a rua... minha insupportavel visinha.

Quando vim habitála era muito mais infolia do que hoje sou, uma grande desgraça havia-me feito quasi perder a juizo, um grande sofrimento moral retalhava-me a alma de um modo pungente de doroso!

E aquella imagem branca ideal, aquelle gracioso vulto de mulher amada era o eterno desespero de minha imaginação de allucinado. Mas... não vem ao caso esta historia, e o certo é que eu muito soffria; fosse isto, embora, uma grande asneira, não havia jeito a dar-lhe. Todos nós estamos sujeitos a essa asneira sublimo de amar e de soffrir.

Minha visinha, por desanto de meus peccados, tem piano. Amar tanto assim a este bello instrumento nunca se viu.

E quando eu entro nesta casa, logo desvarado, estremeendo de odio e do amor até as fibras da alma, ella excocava uma musica que me penetrava amargamente na alma como si fosse a trandução palpitante viva daquello inferno que me torturava.

Passaram-se alguns dias, e de instante a instante ouvia a mesma musica, plangente, dolorosa, acrucciando-me cruel, trancamente, e so mais tarde, depois de muito tempo foi que comprehendi entendo da musica, pela repetição constante das mesmas notas, que aquella *peça* não era mais que uma simples attinação em um trecho muito preliminar, simples rudimento de quem começa a solettrar a deliciosa arte de Mozart.

E aquellas notas, chetas, sonoras, uniformemente repetidas tantas vezes com a mesma força, produziam em mim o effeito de um pulso de assassino perverso a cravar-se no peito de victima in defeza.

Muito soffri ao som tragico daquellas notas fataes. E minha pianista inconscientemente sem duvida pareceu achar naquillo uma dulcissima harmonia, esquecia-se, abstrahia-se completamente e assim continuava por muito tempo, por muito tempo!

Aquillo ja era para mim um doloroso escarnio da sorte!

Despertava cedo, ás 6 horas da manhã, e ja havia começado a agor o eterno sacrificio!

Por um phenomeno psychologico ou pathologico não sei tornou-me pouco e pouco insensivel, acoustumei-me a dor e aos soffrimentos, e um scepticismo a's duto, completo, apoderou-se de todo meu ser.

Passou muito tempo assim, insensivel a tudo, idiota!

A pianista não deixava de todos os dias repetir as mesmíssimas notas, invariavelmente, infalivelmente a mesma primeira heção d' piano.

Felizmente aquellas sons, para mim ja não tinham significação alguma, ouvia-os como se ouvisse o ruido aspero produzido por duas pedras bruta.

O meu companheiro que nunca amara e que era um sceptico, com um allegro-humano que não os podia tolerar, presentemente.

Para elle aquillo era intoleravel absurdo!

Passou-se muito tempo, e fui me habitando de meu estado psychologico, insensivel.

outros olhares ternos, amorosos, cheios de bordade penetravam nas trevas de minha alma e tornei-me sensível, o coração despertou de sua catalepsia, amei, acreditei na realidade do amor.

E... pensam leitores que a minha pianista não existe mais? Enganam-se; existe ainda, e toca a mesmíssima coisa!

E hoje, ao ouvir essas notas irritantes que ouvi pela primeira vez ha dois annos atrás, sinto a lembrança amarga daquello amor fatal, vejo as sombras pavorosas de um grande pesadelo, experimento o trazo de uma incerteza sentida e pungente.

E nestes tempos em que não se encontra casa, vejam que dolorosa situação é a minha!

C. BRAU'NA.

### PARA ALGUEM

Da tua bocca, encarnação do Bello.  
Suspensa está minha alma ansiosa e louca;  
Suspensa está tudo que almejo e anheio  
Da tua bocca!

Do teu sorriso candido e suave  
Pende meu ser em ansias, indeciso,  
Sempre que escuto o doce canto da ave  
Do teu sorriso!

Do teu olhar fagueiro um raio implora  
Minha alma, e canta quando o vé baixar;  
Pois ella vive dessa luz, Senhora,  
Do teu olhar.

Do teu amor a perola mimosa  
Meu coração inunda de fulgor!  
Ah! da-lhe um pouco, ó pallida formosa,  
Do teu amor!

LIVIO BARRETO.

## Entre-idyllio

(AO LOPES FILHO)

Bem alegres e risinhos foram os momentos que passaram um ao lado do outro, elle, com a alma embriada do perfume suavissimo e penetrante que se exhalava daquelle corpo alvo e immaculado de virgem, e ella, enlevada pelas palavras que se escapavam da bocca que tantas vezes lhe dera delicias ineffaveis.

Juntos, unidos, pelo elo do amor, sentiam a vida deslizar suavemente, sem uma queixa que viesse interromper aquelle idyllio eterno.

Nas bellas manhãs illuminadas de sol, elles sahiam a passear pela alva praia beijada pelo mar.

O rumor das vagas que se desentolavam perto delles não os perturbava.

As promessas mutuas de fidelidades eternas, eram saudadas pelo solugar do profundo mar em vagalhões temerarios.

A brisa marinha soprava brandamente soerguendo a fimbria do branco vestido que lhe emalduava as formas recatadas.

Aquelle viver podia durar por muito tempo, elle dizia; ella protestava dando-lhe beijos.

Correram os tempos. Houve uma mutação no scenario da vida de ambos.

Elle, que tantas vezes lhe promette-

no amor, ensou-se com um rapaz que-lhe promettera joias, vestidos de seda viver luxuoso, casa ricamente preparada e tudo enfim que sua imaginação phantasiasse.

Elle soffrou dolorosamente com essa infidelidade e depois *us lacrimas da saudade comecavam a voar-lhe pelas faces.*

FRIVOLINO CATAVENTO.

## Uma desconhecida

(VERSOS ANTIGOS)

De onde veio esta pallida senhora  
De grandes olhos negros e rasgados,  
De tez suave e labios cor da aurora...  
De onde veio, pr'a mal dos meus peccados?

Venho de vê-la pela vez primeira  
Na Avenida, a sorrir, *bianca vestida*,  
Na mão a ventarola feitiçeira,  
Na trança um flocco tremulo de fita.

Um collar de negrissimo vidrilho  
Cingia-lhe o pescoço laetescente  
— Alvo, tão alvo como o pão que o Filho  
De Deus benzia e dava á sua gente.

Ao longo da alameda illuminada  
Ella passava gárrula... Após ella  
Minh'alma voltejava subjugada  
Como gaiota em torno de uma véa.

Mostrava o vento ás vezes seus arthellos  
A erguer-lhe a fimbria do vestido claro  
— Cofre que guarda num recato avaro,  
Reliquias que eu bejara de joelhos...

Vi-a sorrir apenas brandamente;  
Mas calcio que as suas gargalhadas  
Devem ter a alegria resplendente  
Das alegres papoulas encarnadas!

Não a ouvi fallar; mas imagino  
Que o som que a flor da sua bocca exhala  
Tem a frescura matinal de um trino  
Solto num céo de Maio, em grande gala.

Seu nome deve ser sonoro e lindo  
Como as notas subteis de um pizzicato,  
Nome que lembre pérolas cahindo  
Ao mesmo tempo no crystal de um prato.

Mas formosa não é... Não tem as linhas  
Do seu vulto dourado de alegria  
A correção, a artistica harmonia  
Dos contornos das Deuzas, das Rainhas.

Não tem seu rosto aquelle traço, aquelle  
Oval puro das santas... Talvez fóra  
Outra a expressão da bella *Peccadora*  
Si houvesse-a visto acaso o Bernadelli.

Emfim: elle não é nem de Murillo,  
A formosa e purissima Madona  
Nem a Venus invalida de Milo,  
Cuja belleza as turbas impressiona.

É simplesmente uma mulher bonita,  
Cheia de graça e cheia de alegria,  
Perto da qual meu coração palpita  
E o sangue pelas veias esfuzia.

E ao vê-la assim pela Avenida a fora,  
Pergunto inquieto aos céos estrelados  
De onde veio esta pallida senhora?  
De onde veio pr'a mal dos meus peccados?

ANDRÉ SALLES

Phantasia e realidade.

## Céu aberto

Um verdadeiro palacete, a casa do Dr. Mello, advogado de fama e capitalista abastado.

Cortinas de renda pendiam-se nos portaes da sala, candelabros castiços penducavam-se do tecto lustroso, nella mobilia ornamentava o salão e bellos quadros pendiam da parede, vistosos e inclinados.

Homem de fino tratamento, tinha sempre o Dr. Mello em casa os melhores petiscos imaginaveis e as bebidas mais deliciasas.

Dois rapazes e quatro moças nasceram de sua união com D. Elvira e todos se dedicavam com affino á musica formando assim uma orchestra com que delejavam os amigos em dias de anniversarios e festas identicas.

Um dia o famoso advogado perdeu uma causa importante, que contribuiria grandemente para o augmento de seu credito e de sua fortuna, não pequena.

O homem desesperava, não porque deixasse de ganhar o duh tro, mas por ter sido seu competidor um moço principiante na vida de advocacia, um *pichote*, como lhe chamava elle encolerizado.

O Dr. Mello nada pôde comer durante o dia, e recostou-se sobre um divan avelludado, no seu escriptorio, gabinete atapetado e magestosamente forrado, bebendo cerveja preta para almentar as exigencias do estomago e fumando um verdadeiro havanã da Bahia, preso a uma piteira de ambar com ornatos de ouro.

Cada trago de cerveja, que tomava era uma maldição que soltava, a cada baforada que expellia, irritavam-se-lhe os nervos. E soffria, soffria amargamente.

Ja eram duas horas da tarde.

No andar superior da casa, os filhos do Dr. Mello divertiam-se executando com bravura um trecho de Verdi e a passadeira alegre, que estava engaiolada, soltava gorgeios frescos e sonoros.

Reinava alegria no coração de todos; só o dono da casa sentia o espirito torturado, e sem narrar o facto nem a sua esposa, supportava o seu tormento em silencio.

A orchestra executava a marcha triumphal da Aida, quando entrou o Dr. Fonseca, amigo velho do Dr. Mello e collega do tempo de estudante.

— Oh nobre amigo! Que delicias estas gosando! Isto aqui é um céu aberto. Em cima aquella orchestra soberba, embaixo os passarinhos nesta algarria encantadora... Isto é um céu aberto, meu caro!

É verdade, resmungava o Dr. Mello, no ange da sua raiva.

Tomando cerveja, fumando charuto, recostado em um divan avelludado, em um gabinete atapetado! Oh vivos em um céu aberto!

E verdade repeta o Dr. Mello, soluçando sempre um suspiro profundo.

Como em inveja a tua felicidade o Dr. Mello de instigante a mista

te franzia o rosto, passava os dedos entre os cabelos ou batia com a mão sobre as pernas.

—Mas o que tens? A minha presença te incomoda?

E o Dr. Mello, fallava comoigo mesmo:

—Isto lá é qualidade de céu aberto! Quem está como eu, zangado com todos e de tudo, e ainda vem este cacete fallar-me em ventura!

—Mas o que tens, homem? Não te lembrás mais do nosso bom tempo da mocidade, das nossas paidegas de estudante?

E como o dono da casa continuasse na sua esmurrice, o Fonseca furioso, sahio, jurando não mais voltar ao céu aberto.

GIL NAVARRA.

## Amor eterno

Eis aqui o lugar onde morava  
A minha amante estremeida, e onde  
A sombra alinda do arvoredado esconde  
O segredo dos beijos que eu lhe dava.

Em vão procuro aquella que adorava,  
Nem sua voz á minha voz responde,  
Nó a fria nudez nu corresponde  
A' queixa d'este amor qu'eu lhe sagrava.

E enquanto escuto a dor que me cons-  
(torna)  
Reina o silencio, a solidão governa  
E o vento apenas brandamente corre.

Si o vento ao monos, coração pungido,  
Contasse áquella por quem fui trahido  
Esta affeição tamanha, que não morre...

ERNESTO CORREIA.

Mina.

## Bibliographia

*Marmores*, versos de Francisca Julia da Silva—editor Horacio Belfort Sabino—S. Paulo—1895.

Calcamos ás pressas as nossas luvras de pollicia para recebormos o volume dos *Marmores*, que sua distinctissima auctora teve a extrema gentileza de nos offerecer.

Primoroso o trabalho typographico, simples e encantadora a capa—branca como uma lapide de legitimo Paros e onde o titulo do livro se ostenta significativo em bellas letras carmezinas.

Abraçamos o livro.

João Ribeiro prefacia-o. E depois de ler o que sobre Francisca Julia diz o grande philologo e provocado belletrista, a gente sente uma vontade quasi tudomavel de fazer simplesmente isto:—transcrever as suas palavras e declarar por baixo—está conforme.

Paraphraseando o annexo—todos os caminhos vão dar a villa—diremos que tudo o que com expressões diferentes se diga dos *Marmores* dara em conclusão a affirmativa de que Francisca Julia é uma excepcional organi-

zação artistica, um talento poetico de primeira grandeza.

Diz João Ribeiro:

«Não tenho hoje hesitação alguma, quaesquer que sejam as consequencias do aserto, em affirmar que depois da geração que costumamos symbolisar nos nomes de Raymundo Correa, Olavo Bilac e Alberto de Oliveira, tenha apparecido um poeta que se avanteja ou sequer iguale a auctora dos *Marmores*. Nem aqui, nem no Sul, nem no Norte, onde agora floresce uma escola litteraria, a *Padaria Espiritual* do Ceará, encontro um nome que se possa oppor ao de Francisca Julia.»

Perfeitamente de accordo.

Duvidamos que tenha Heredia, nos dous paizes em que se fala a lingua portugueza, discipulo tão notavel como a buriladora dos *Marmores*.

E nem acreditavamos que a nossa lingua (apesar da elevada conta em que a temos) fosse susceptivel de adquirir a estranha sonoridade e o vigor especial e brilhantissimo que fazem dos *Trophées* uma obra unica em lingua franceza.

Francisca Julia provou que o era dando aos seus versos os mesmos requisitos que distinguem a obra *hereditaria*, obra que constitue um ramo aparte da actual poetica franceza como a *Dolores* de Camponor constitue um outro da poetica hespanhola.

Possuimos artistas admiraveis do verso como Olavo Bilac, Raymundo Correa e Alberto de Oliveira, mas nos seus versos, que tanto se avantejam por outros merecimentos superiores, falta um não sei que de tranquillo e de claro que ora se nos depara nos de Francisca Julia.

Parece que a vigorosa poetisa, naturalmente adheia a certos sentimentos e a certos impulsos, interdietos á sua alma candida de donzella, concentra toda a sua energia em interpretar de um modo penetrante e incisivo as bellas concepções suggeridas aos seus delicados nervos de artista são impassivel e optimista.

Quem, dos que conhecem a fundo e dolorosamente todos os meandros da Vida, podera ter a limpidez e a tranquillidade desta alma de moça, inspirada e serena?

D'ahi a vantagem relativa da auctora dos *Marmores* sobre os demais poetas, d'ahi o fino e o puro relevo dos seus trabalhos.

Não transcrevemos nem citamos nenhuma peça de Francisca Julia porque teriamos de transcrever tudo ou de copiar o indice.

E que nos perdoe a auctora a delictora de estas linhas lançadas soffregamente a margem das paginas do seu livro, que lhe de' ficar na historia da nossa litteratura como um padrão de glorias para a mentalidade feminina.

Julho 25.

M. J.

## RECADOS

Os estradeiros de S. Thiago continuam a divertirem-nos com a sua inconstante a nosso respeito.

No ultimo nº da *Thebaida*, Pedro

*Celeste* (santo e feliz pseudonymo conquistado sem duvida pela sua pobreza de espirito!) fala de nós—nós sabemos si de bem ou de mal porque na seara nepheleata é difficil distinguir o joio do trigo.

O que é certo é que a celestina creatura fala de nós—coisa admiravel, inexplicavel,.... Como é que essas transcendentes almas em meio de suas meditações altamente espirituas rebuxam-se a pensar em nós e a atacarem-nos, a nos, terrrissimas pessoas, que a vez de nos encarralarmos numa Thebaida qualquer, vivemos a larga vida commum, inspirando-nos directamente na Natureza, que cada um de nós vê através do seu temperamento, e sem os atavios baratos e equivocos de symbolismo?!

Quanta canceira inutil! Nem fica bem aos andarilhos da via-lactea essa caxeira preoccupação em que vivem e da qual somos alvo....

Essas interrupções biliosas no meio das suas ladamias artisticas (!) fazem lembrar velhotas carólas e colericas que cortam um padre-nosso com descomposturas as pessoas de casa.

Deixem-nos em paz, rapazes, e cuidem noutra vida.

Si continuarem assim adoeceirão todos de esgotamento nervoso e amollecimento cerebral.

Isso de rapazes novos e solteiros seggregando-se da gente, mettendosse em cellas (com o vejam bem,) fazendo retiros espirituos num ascetismo incompativel com a sua idade—faz temer alguma conspiração contra as leis physiologicas, que felizmente nos regem....

O que vocês produzem revela já profunda perturbação de nervos.

Tractem-se, meninos!

Tractem-se e larguem a penna.

Si tivessesmos algum poder sobre vocês, prendiamos-lhes as mãos as costas para não... escreverem....

Seria incommodo, mas privaria de que mais tarde se lhes applicasse a camisola de fora—traje que fatalmente terão de usar si continuarem a fazer a gloriosa peregrinação á via-lactea.

Si ha coisa que deileto deve ser uma excursão dessas; mas turbam afinal o espirito, e d'ahi as affecções nervosas de toda a especie, a phrasologia incoherente e perversão dos sentidos, o gosto pela solidão etc. etc.

Tratam-se, meninos!

E, uma vez por todas, deixem-nos em paz, que não nos sobra tempo para aturarmos malucos.

M.

## Padaria Espiritual

Um dia na formosa e risonha Fortaleza, alguns moços de talento decidiram juntar-se, no intuito commum de estimular o estudo e o desenvolvimento das letras, constituindo uma associação, que fosse como um nucleo da litteratura do Norte. Surgiu assim a Padaria Espiritual, que ja conta hoje bastantes socios, mesmo aqui no Sul, entre os nossos escriptores da mais justa nomeada.

Eu penso que foi com muito boa iniciativa, que os membros d'essa associação

vieram a chamar-se *pudrões* e que o scintillante hebdomadário—*orgão* dos seus interesses reunidos—veiu intitular-se ovanemente o—*Pão*. Mas taes denominações dão bem nos olhos, valha a verdade, e a gente de letras gordas, que que não gosta de ir coser seu pão no mesmo forno, é natural que torcesse o nariz a ellas, julgando-as muito mais marinaceas, do que litterarias. Não ha, porém, máo gosto, ao meu ver, na supposta exquisitez d'ellas além do que exprimem com forte solidez nutricia uma idéa simplicíssima, para a qual aliás não se acharia facilmente em outros termos mais feliz expressão, nem mais precisa.

Tão succulento titulo, como esse do —*Pão*— a encimar um jornal de *cousas leves*, só é de véras estranhavel para o burguez sentimental, que se adequou ás leves cousas da *Murpessa* e do *Porvir Litterario*, da rua das Flores, e que mal pôde disfarçar os estôdos d'essa irritação hereditaria ou atavica do espirito que anima a burguezia de todos os tempos e logares, ultra-conservador e refractario sempre a tudo quanto sejam innovações ou extravagancias. O *Pão*... Ora, deixa-o tu, burguez, passar pão como é e com a massa de que é feito, na qual ninguem te convida a metter a mão.

Bem pouco se lhes dá, aos rapazes que o fabricam, de que tu, burguez, os compres; bem pouco de que si o comprares o leias; bem pouco de que, se o leres, o entendas. Se acaso o entenderes, porém, véras quão infundadas são as tuas suspeitas e apprehensões, pois o rapazio já te não caçôa, nem cuida mais em dar-te piparotes na pança, proeminencia respeitavel de Sancho, elemento de ordem e cordura pratica, ponderador como um sentido o necessario na vida dos povos.

Não, esses brinquedos já estão fora da moda: Gavroche está já velho e rheumatico, e os moços da—*Padaria*—, por fim de contas, não vivem a tuna, como este vivia pelas ruas da revolucionaria Lutocia. Também não é só para ver fermentarem o odio e as desconfinanças da burguezia illetrada, que elles levam a amassar o seu pão, a semana inteira, com a ajuda de Deus, ou do diabo.

Passemos agora da redacção do jornal para a bibliotheca da—*Padaria Espiritual*—. É uma bibliotheca em via de formação, que se comporá somente de livros dos proprios *pudrões*, publicados a expensas da associação.

Assim é que esta, logo na primeira quadra da sua existencia, tratou de editar, alem dos *Versos Dicyssos*, conhecido livro de Antonio Salles, as seguintes obras:

—I *Flores*, do poeta parahybano Sabino Baptista, preambulado por José Carlos Junior, e em que, desde os preludios,

« *O peregrino nos da Saudade*

Voae por sobre os tremulos palmeiros  
Cheias da quente e loira alacridade  
Da luz cantante e fulgida, que invade  
O campo, a serra, o matagal, os mares.»

até o final, o que ha de original e prourososo sobreleva em muito o que por-

ventura se possa taxar de commum e mediocre.

—II. *Phantos*, (?) poesias de Lopes Filho, cheias de exquisitez metricas, que um rigoroso classico certamente não poderia ver com bons olhos. Antonio Salles, pretaciando-as, não manifesta nenhuma dificuldade em achar para ellas uma filiação no moderno *decadismo* francez, escola litteraria, ou cousa que valha, *symbolista*, *instrumentista* ou *magnificista*, a cujos attractivos exóticos vão já cedendo, em Portugal, e tambem no Brazil, os alumnos das musas.

Citam-se como *docentistas*, entre os portuguezes, Antonio Nobre e Eugenio de Castro, mas entre os brasileiros do mesmo modo, a boa ou má parte, alguns poetas ha já dignos de menção. A proposito do portuguez Antonio Nobre, o auctor do *Só*, obra em que um seu illustre compatriota e apologista, Alberto d'Oliveira, (que ao menos pelo d' não se deve confundir com o nosso Alberto de Oliveira, ainda que a confusão não desaire a nenhum dos dous) vé excellentes modelos de poesia autobiographica, « que honram as letras luzitanas do seculo XIX », notou certo critica que semelhante livro nunca faria escola, ficaria tao só como a propria indicação do seu titulo.

Antes que Alberto d'Oliveira, no empenho de desmentir tal critica, em seu curioso livro—« *Palavras loucas* »— appellasse para o fervente entusiasmo da mocidade portugueza aclamadora do *Só*, já um poeta, ao norte do Brazil, havia desmentido aquelle aserto, não com palavras simplesmente, mas realmente com obras; foi Lopes Filho, dando á publicidade os seus versos, que em verdade se filiam mais directamente na poetica de Antonio Nobre do que na de qualquer outro dentre os *novos*. Veja-se agora que *estudo d'alma* especial em grande parte os inspirou ao poeta: « ... nasceram (diz elle) sob a influencia morbida da negra melancolia dos exilados; no Amazonas, a lutar pela vida, doente e nosmílgico, entre o choro e a blasphemia, tive necessidade de escrever, transformar no crystal rutilo e santissimo do verso as lagrimas que o desespero me fazia derramar: eis como se fez um poeta... »

Se nós dá algumas paginas amenas, cheias de naturalidade, suavemente repassadas de sentimento, parece que é quando se deixa influenciar pelas suggestões que procedem d'aquella *estudo d'alma*, o que infelizmente nem sempre acontece.

Não sei, enfim, se o deva qualificar de *dreadista* só porque mostra romper muito intencionalmente as vezes com o que elle proprio chama « regras convencionaes » da arte; o que eu se, é que ninguem dirá com justiça que se trata aqui de um livro baldio de real merecimento. Pelo contrario,...

—III. *Versos*, de Antonio de Castro, de quem Antonio Salles, que tambem prefacia esta obra, diz ser correcto e sincero como poeta, e, além disso, original—d'essa originalidade bem entendida, que consiste em dizer as veias cousas de uma maneira relativamente nova—sem deslumbramentos de imagens, nem audacias de phrasas, entretanto. É hem isto. Quanto a correccão sobre-

tudo, uma das qualidades das que mais distinguem o joven poeta é, com effeito, o amor predominantemente da forma e a paixão incoercivel de um parnasiano pela esthetica do verso. Mas a correccão nunca se considera consummada é perfeita; e eu não espero aqui pelos libertos retoques de que acaso careça ainda, por exemplo, aquelle lindo soneto intitulado—*A Jangada*—e que assim começa:

« *Semilhante a uma garça alva, singela  
Destila além, impariça, a jangada,  
Pela capoma das aguas salpicadas,  
A's mansas brisas despendida a vela.* »

para julgar que elle se não acharia mal collocado entre os bons sonetos dignos de serem incluídos em um florilegio da litteratura patria.

—IV. *Cantos do Ceará*, de Eduardo Saboya. É uma auspiciosa estreia no genero narrativo. Neste genero especialmente, vem apello dizer aqui, que, entre os mais bellos specimens de litteratura puramente brasileira, pela graciosidade simplicitade nativa, pela colorido e sabor verdadeiramente nacional com que foram escriptos, figuram os cantos do velho Juvenal Galeno, a cujo talento voto ha muito tempo sincera admiração. Digo, que ha muito tempo, porque as poesias d'elle desde os meus primeiros annos me eram já familiares e tinham para mim uns longes mesmo de bonitas antiquilhas. Como sob o influxo d'este clima intertropical, enervante e atroz, pouco se vive e menos que pouco se produz no tornio das facultades intellectuaes, eu já não suppunha poder vê-lo mais, sinão no outro mundo. Imagine-se, porém, a minha enorme surpresa, quando em setembro ultimo, levado até ao Ceará pelos meus incommodos de saude e a conselho dos medicos, tive a ventura de conhecer ali pessoalmente a Juvenal Galeno, vivo, são e virente ainda, com mais vigor do que idade, simples bibliothecario publico em Fortaleza. Pois de Arthur Azevedo, que até lhe sabe de cor os versos e que tambem os appunha morto, não foi menor a surpresa, quando em minha torna-viagem do norte lhe contei o caso.

O livro de Eduardo Saboya, que me parece ser discipulo de Juvenal Galeno, é uma collecção de pequenas narrativas de factos que nada têm no fundo de imaginarios, de factos realmente occorridos no Ceará, d'esses cuja tradição a alma do povo eterna creança—se e carrega de perpetuar, cingindo-a sempre de aureola tocante e phantastica. Esses factos, Saboya os narra singela e de affectadamente, sem mais artificios de linguagem, e por isso faz jus a aplausos, posto que hoje os escriptores caprichem em desfigurar a verdade com fillos e exaggerados atavios e lentejoulins de emprestimo, em vez de irem babel-a directamente na fonte viva e legitima do sentimento proprio, inóvulo l. Alguns defectos, que se notam d'este livro, acharão facil descripção nos verdes annos do autor, que não tinha mais de 18 de idade quando o deu ao prelo. É ainda Antonio Salles quem apresenta ao publico o joven autor dos *Cantos do Ceará*.

Por estes quatro livros, a que venho

le referir-me. vê-se que a safra litteraria da *Padaria Espiritual*, no seu primeiro anno, si não foi de todo abundante tambem não foi, para que se diga muito escassa.

o *Mar*, para o corrente anno de 1895, estava annunciada mais farta e opulenta mesmo nas seguintes obras em prosa e em verso: — *Troças do Norte* de Antonio Salles; *Chimões*, poesias de Xavier de Castro; *Dolentes*, versos de Livio Barreto; *Vagões*, poesias de Sabinio Baptista; *Os Brilhantes*, romance de Rodolpho Theophilo, operoso e fecundo escriptor, a cuja penna se deve já uma boa meia duzia de livros uteis; *Memorias de um Naufrago*, obra posthuma do mallogrado poeta Alfredo Peixoto, o jovem e esperançoso official de marinha, victima daquelle desastroso naufrago do *Solimões*, que cobriu de luto a alma nacional; *Diluventos* (poesias) e *Contos* de José Maria Brigidó; *Mignonnes*, phantasias em prosa de Roberto de Alencar; *D. Guidinha do Poco*, romance de Oliveira Priva; *Eremita*, poemeto de Lopes Filho; *Mas...* estudos de Cabral de Alencar.

(Continúa).

RAYMUNDO CORRÊA

## Imprensa Litteraria

A SEMANA n.º 90 e 91 Em nada inferior aos antecedentes estão estes dois ultimos numeros da magnifica revista de Valentim Magalhães, Max Fleiuss e Escragnolle Doria. Um escolhido cabedal de burilados versos e vibrante prosa alastra-se pelas paginas garridas da criteriosa collega, de onde destacamos as chronicas de D. Demétrio e J. Guerra, e sobretudo a ultima de um humor fino e causticante. Deixou-nos tambem a melhor das impressões a *Leitura para meninas* (prosa) *Marmoreas* (versos) de Lucio de Mendonça, assim como o *Segredo de Jorge* primoroso e suggestivo conto de Adeline A. Lopes Vieira.

A REVISTA ILUSTRADA n.º 688. Mais um optimo numero da veterana das folhas caricatis fluminenses temo presente.

Occupam tres paginas illustradas diversos assumptos locais, como sejam espirosas criticas ao Barão de Llanito, aos negocios politicos de Pernambuco, à eleição senatorial e uma fluissima allusão aos balões queimados em honra de S. João, entre os quaes o Pereira Netto encerra alguns de ensaio...

A ultima pagina estampa o panorama da cidade de Havana e retratos dos tres principaes revolucionarios cubanos. O texto está variado como sempre.

DOS QUINZE n.º 2... 23 Começamos com uma interrogação pois admiradores como somos do fascinate jornal de Angelo Agostini não podemos deixar de inquirir a sua distincta redacção pelo n.º 22 que não nos chegou as mãos.

Temos sido esquecidos na remessa ou foi o *Corrêo* que nos pregou algumas das suas?

O certo é que apenas recebemos o n.º 21 consagrado quasi que exclusivamente à morte de Saldanha da Gama.

O privilegiado lapis de Agostini nada deixou a desejar nas gravuras do presente, que estão primorosas.

«REVISTA BRAZILEIRA» fasciulo 12. A importante e utilissima publicação do illustrado e operoso Dr. José Verissimo virá dia a dia crescendo vulto e angariando sympathia entre os estudiosos e apreciadores das boas letras.

O fasciulo que temos a vista justifica bem esta nossa asserção. Todo elle é um escolhido repositório de magnifica prosa e inspirados versos.

E de mão de mestre a adoravel *Paizagem* de Raul Pompeia, um dos nossos melhores stylistas. Tudo mais é bom e faz honra à *Revista Brasileira*, com o qual nos congratulamos pela boa accção que vai tendo.

## CARTEIRA

ENRIQUE MOYA

Tivemos o prazer de receber a visita deste notavel prestidigitador que as suas qualidades de artista distinctissimo reunem as de excellente e fino cavalheiro.

Na noite do sabbado, Enrique Moyá exhibiu no salão do Club Cearense, perante uma selecta concurrencia de senhoras e cavalheiros, algumas sortes cuja execução convenceu a todos da sua superioridade sobre todos os prestidigitadores que temos conhecido.

Simplemente peritos os seus trabalhos em que ohar algum, por mais agulo que seja, pode descobrir os seus processos de escamoteação.

Cumprimentando ao insigne artista, desejamos que o nosso publico saiba corresponder ao seu alto merecimento.

«UMA DESCONHECIDA»

É este o titulo de uma poesia de Antonio Salles, publicada pela primeira vez no *Croc-en-jambe*, a excellente revista franco-brasileira que acaba de apparecer na Capital Federal, revista da qual são redactores na mesma Capital Alvaro de Toffé e Chrysantimo Freire e em Paris Thomas d'Orban e Octavio Toffé.

Transcrevendo hoje *Uma desconhecida*, temos a informar aos leitores que foi ella escripta ha alguns pares de annos e remetida para um jornal do Rio, que desapareceu justamente quando ella lá chegava.

O cavalheiro a quem ia ella endereçada guardou-a e a fez inserir agora no *Croc-en-jambe* com grande surpresa do auctor, que nem sequer se lembrava de a haver jamais escripto.

RAYMUNDO CORRÊA

Este eminente poeta e nosso querido consocio enquetou na *Gazeta de Noticias* uma serie de artigos sobre a *Padaria Espiritual*, cuja primeira parte transcrevemos hoje.

Begamos as mãos ao poeta das *Alfêluzas* pelos honrissimos conceitos que externa sobre a nossa associação. Cupo naturalmente relata e suas obras analysa com o vigor de phrase peculiar a sua penna diamantina.

«MIGNONNES»

A *Semana* publica em seu n.º 90 o bello prefacio escripto por Eduardo Saboya para este futuro livro de Roberto de Alencar, o Benjamin da Padaria.

A *Semana* recommenda ao publico este trabalho, digno da novel mas pujante intellectualidade do autor dos *Contos do Ceará*.

Agora é tractar o Roberto de preparar quanto antes as *Mignonnes* para serem passadas à lettra de forma.

No proximo numero transcreveremos o prefacio do Eduardo, o que não fazemos agora por falta absoluta de espaço.

ALBERTO NEPOMUCENO

Depois de longa peregrinação artistica pela Europa, onde conquistou os mais honrosos triumphos, chegou à Capital Federal, de cujo Conservatorio foi nomeado professor de órgão. O joven e já glorioso compositor cearense, Alberto Nepomuceno, que com Carlos Gomes e Francisco Valle forma a triade luminosa das capacidades musicas do nosso paiz.

Em Roma, em Berlim e ultimamente em Paris teve o talento do Nepomuceno consagrações mais valiosas e significativas.

Daqui o saudamos effusivamente, esperando ansiosos pelo dia em que venha rever os seus e a sua terra.

UM PLEBISCITO

A *Republica Portuguesa*, bello orgão de propaganda republicana que começou a ser publicado na Capital Federal, abriu um plebiscito para saber quizes são em Portugal e no Brazil, os primeiros homens de estado, jornalista, publicistas, romancistas, poetas, etc.

A 29 de Junho findo a votação para saber qual era o primeiro poeta brasileiro dera o seguinte resultado:

Ruyundo Corrêa, 10; Alberto de Oliveira, 7; Olavo Bilac, 11; Mucio Teixeira, 12; Arthur Azevedo, 8; Martins Junior, 8; Filinto de Almeida, 9; Valentim Magalhães, 7; Antonio Salles, 6; Machado de Assis, 8.

WALDEMIRO CAVALCANTI

Vai um grande alegrão pelo coraçao dos Padeiros: — chegou afinal o Waldemiro, que desde Abril se embrenhara para Iguazú, onde poz em acção os seus vastos conhecimentos da industria pastoril, comhecimentos que elle concebia maravilhosamente com as suas prendas de habil advogado e jornalista proveito.

Fomos vê-lo a sua Villa Tolstoi e tivemos com elle longa e delictosa palestra, embora entremetida de profundas opiniões suas sobre o cruceamento de raças bovinas, plantio de mandioca e pathologia cavallar.

A sua longa barba não permite affirmar-se si veio guardo ou magro; mas veio alegre, franco, usuaante e hum como sempre.

Todos os braços da Padaria se estendem para cumpr effusivamente ao adoravel companheiro de luctas.

## PREPARADOS PHARMACEUTICOS

DE

### A. GONZAGA

**ELIXIR ESTOMACAL E PILULAS DIGESTIVAS.** Unicos medicamentos do Ceará aprovados pela Inspectoria de Hygiene do Brazil e premiados na grande Exposição Universal Columbiana de Chicago. São verdadeiros medicamentos contra as molestias do estomago: — Falta de appetite, fraqueza e dores de estomago, digestões difficeis, azias, flatulencia, pezo de cabeça, tonturas, enxaquecas, somnolencia depois da refeição, etc.

**PEITORAL DE JUCÁ, COMPOSTO.** O melhor medicamento contra as molestias do peito: — Bronchite chronica, tosses rebeldes, cscarros de sangue, tísica, etc.

**XAROPE ANTI-NERVOSO.** E' de uma efficacia inconctestavel em todas as exarcebções do systema nervoso: — Epilepsia, ataques hystericos, palpitações no coração, neurasthenia, vomitos das mulheres gravidas, e coqueluche, etc.

**QUINA GONZAGA OU VINHO DAS TRÊS QUINAS.** Poderoso tonico e febrifugo. Contra fraqueza geral, anemia, etc. Mui util como preservativo das febres intermitentes ou sezões e nas convalescenças.

**XAROPE DE IODORETO DE CALCIO E EXTRACTO DE NOGUEIRA.** Empregado com muita vantagem no começo da tuberculose, lymphatismo, chlorose, glandulas enfiartadas e nas molestias de origem escrofulosa.

**XAROPE DE ESTIGMAS DE MILHO E BENZOATO DE LITHIO.** Medicamento muito efficaz contra affecções catarrhaes da bexiga, na lithiasis renal (calculu ou pedras,) rheumatismo gottoso, e engurgitamentos.

**TINTURA DE SALSA PARRILHA COMPOSTA.** Purificador do sangue empregado com grandes resultados.

**GOTTAS ANTI-ODONTALGICAS.** Contra dores de dentes, allivio certo, cura quasi sempre.

**INJECCÃO ANTI-BRENORRHAGICA.** Cura em pouco tempo blenorragias recentes ou chronicas.

**PÓS DENTRIFICOS.** Alveção e conservão os dentes e perfumão a bocca.

**TINTA PARA MARCAR ROUPA.** Preta e indelevel.

---  
Todos estes medicamentos achão-se a venda na pharmacia Gonzaga.

## OLIVEIRA ROLA

Agente de

### LEILÕES

Encarrega-se de vender mercadorias, moveis, terrenos, casas, etc., tudo em condições vantajosas.

20 Praça do Ferreira, 20

Telephone 28

## GRANDE LOJA DE JOIA

A MAIS ANTIGA DESTE ESTADO

**Joias de ouro, brilhantes e pedras preciosas de todas as cores. Relogios de ouro, de prata e nickel, para algibeira, inglezes, americanos, suissos etc. etc. Relogios para paredes e banca, despertadores de todos os preços. Lunetaria superior de vidraça e graduada (branca e de cores). Objectos para presentes: o mais chic e variado sortimento que se possa desejar.**

Vendas garantidas, preços sem competencia.

Jacques Weil & C.

RUA DO MAIOR FACUNDO 70

## Phenix Caixeiral

Este novo importante estabelecimento, reaberto sob a gerencia de Heraclito Domingues, è hoje a primeira casa de modas e phantasias desta capital.

Dispõe de um magnifico e variado sortimento de tudo quanto a industria europèa tem inventado em elegancia, luxo e arte, e adoptou o seguinte programma: Vender barato e a dinheiro.

54, RUA MAJOR FACUNDO 54,

## Estrella do Oriente

Este emporio de modas continua a affirmar a sua já reconhecida superioridade, recebendo por todos os vapores tudo o que a industria europèa produz de mais fino e mais elegante. A «ESTRELLA DO ORIENTE» avanta-se pela esmerada escolha dos seus artigos os quaes não se confundem com as vulgaridades que infestam o nosso mercado.

Assim quem quizer um artigo de bom gosto não tem mais do que procurar a

«ESTRELLA DO ORIENTE»

52--Rua do Major Facundo--52